



PROGRAMA  
HISTÓRIA  
ORAL

---

DESEMBARGADOR  
JOSÉ DIVINO  
DE OLIVEIRA



## ENTREVISTA CONCEDIDA PELO DESEMBARGADOR JOSÉ DIVINO DE OLIVEIRA AO PROGRAMA HISTÓRIA ORAL DO TJDFT

**J**osé Divino de Oliveira nasceu no município de Angical, Bahia, no dia 6 de junho de 1946. Formou-se Bacharel em Direito, em 1979, na então denominada Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal – AEUDF, atualmente, Centro Universitário do Distrito Federal – UDF. Na mesma faculdade, concluiu a especialização em Direito Público Interno, em 1986. Coursou, também, Metodologia de Ensino, pela Escola de Magistratura do DF, no ano de 1999 e, pela Universidade Católica de Brasília, a especialização em Direito Administrativo, em 2000. Exerceu os cargos de Defensor Público e de Promotor de Justiça do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT), entre 1983 e 1989, quan-

do no dia 27/7/1989, toma posse no cargo de Juiz de Direito Substituto do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), por meio da aprovação no XV Concurso (1988-1989). A promoção para o cargo de Juiz de Direito ocorreu no dia 5/10/1992, titularizando-se na Vara Criminal da Circunscrição Judiciária de Sobradinho. No dia 21/6/2007, o magistrado foi promovido a Desembargador do TJDFT.

## **Desembargador Natanael Caetano Fernandes**

Desembargador José Divino (de Oliveira), nós temos esse Programa (História Oral) aqui no Tribunal, iniciativa primeiro da desembargadora Maria Thereza (de Andrade Braga Haynes), do juiz Sebastião Rios, e a esse Programa deu ênfase, a desembargadora Carmelita (Brasil), visando preservar a memória do Tribunal, por isso que nós fazemos essas entrevistas com pessoas que têm história para contar, daquilo que viram no Tribunal, daquilo que fizeram por esse Tribunal, daquilo que representa para nós e representa o Tribunal, e o que o Tribunal representa para o desembargador. De modo que estamos aqui hoje para ouvi-lo, com muita honra minha, da minha parte, ouvir o colega, e poder tomar conhecimento de detalhes, de aspectos desse relacionamento com o Tribunal de Justiça-desembargador, Tribunal de Justiça-magistrado, porque eu tenho conhecimento pessoal, de parte da sua história, e gostaria que o Senhor nos dissesse a respeito desse relacionamento e que pudesse nos esclarecer e informar sobre o que lhe pareceu muito importante ou mais importante nesse relacionamento, que já não é tão novo, da sua carreira de magistrado e a Justiça do Distrito Federal. Eu gostaria de deixá-lo à vontade para fazer uma exposição da sua vida como... da sua vida pregressa, antes de ser desembargador, de ser juiz, da sua vida no Ministério Público, etc., e até antes disso, da sua vinda para Brasília, e que pudesse nos esclarecer, (pois) isso vai enriquecer a história do Tribunal, porque a história do Tribunal é a história de cada um de nós. Vossa Excelência fique com a palavra.

## **Desembargador José Divino de Oliveira**

Desembargador Natanael (Caetano Fernandes) e desembargadora Carmelita (Brasil), em primeiro lugar eu quero expressar a minha gratidão, a honra que eu tenho em poder contar a minha modesta história de vida. Eu

nunca pensei, quando jovem, em ser juiz um dia. Sempre pensei em crescer como ser humano, porque apesar de ter ficado órfão de pai muito cedo, meu pai faleceu quando eu tinha cinco anos, mas a minha mãe como era uma mulher de muita fibra, sempre incutiu em nós, éramos seis irmãos, hoje somos apenas quatro, eram três homens – eu e mais dois irmãos – e três irmãs, dois irmãos mais velhos infelizmente já faleceram. Mas a minha querida mãe, minha saudosa e querida mãe, me incutiu muito a... primeiro o exemplo que ela dava, ficou viúva nova, uma mulher sem cultura, sem... não era letrada, tinha talvez só o primário, mas de uma sapiência, que Deus dotou a ela, de muita inteligência. Então, ela soube nos criar, soube nos orientar, e graças a Deus a minha família, nenhum dos nossos irmãos desviou o seu caminho reto e de honradez. Então, desde pequeno, como éramos de uma família humilde, meu pai não era um homem de posse, era um carroceiro, meu tio... Nós nascemos na Bahia, eu nasci em Angical<sup>1</sup>, e meu tio que era mais letrado foi ser professor em Goiás e trouxe os irmãos e os cunhados, logo ele orientou meu pai, e meu pai veio com a minha mãe – eu nasci em 1946 – e meus pais chegaram – foi em Anápolis, em 1947 – eu devo ter chegado em Anápolis, eu acho que eu tinha menos de um ano de idade, eu nasci em junho em 1946, eu acho que tinha menos de um ano, eu era muito criança, tenra idade, e lá o meu pai trabalhava para uns árabes, que eram os beneficiadores de arroz, eu não sei se Vossa Excelência, desembargador Natanael, Vossa Excelência que também é goiano, conhece bem

---

<sup>1</sup> Município brasileiro do estado da Bahia.

Anápolis? Anápolis é um celeiro que tem muito árabe, muito descendente, muito libanês, e meu pai trabalhava com um senhor chamado ..., até hoje eu me lembro, e assim deu emprego para o meu outro irmão mais velho, enfim... Salvo a minha memória, em 1962, a minha mãe veio com uma irmã minha aqui para o Distrito Federal, depois meu irmão mais velho veio também, morava em Goiânia, veio para cá. Eu fiquei em Anápolis sozinho, estudando em um colégio estadual e trabalhando no comércio, porque eu comecei a trabalhar com nove anos de idade e com dez, eu tenho um documento em casa até hoje, porque naquela época já existia inspeção de saúde, eu estava com um jalecozinho branco, porque o bar em que eu trabalhava exigia que se usasse um jaleco, eu fui fazer um exame de saúde e fui com aquele jaleco, e está lá 1956, por isso que eu sei, esta é a data da inspeção, foi 1956, então, eu tenho certeza de que com dez anos, eu já trabalha no comércio, e fazia trabalho de gente grande. Eu trabalhava em um bar que era frequentado pela elite, o bar era de um espanhol, finado Antônio Mosquera, enfim, e depois fui trabalhar... Meu tio colocou-me no SENAI<sup>2</sup>, para eu aprender mecânica, mas eu não tinha aptidão para ser mecânico, daí fiz um curso de garçom e fui trabalhar de garçom. Eu com dezesseis, quinze anos, já trabalhava à noite de garçom. E minha mãe, já aqui, falou para um primo meu: "Traga o Zezinho", ela me chamava de "Zezinho". "Traga o Zezinho

---

2 Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

para cá, porque aquilo ali não vai dá certo não. Ele trabalhando à noite, esse mal ambiente". Minha mãe era uma mulher de muita visão, como eu já disse, muito inteligente, e o meu primo me trouxe aqui para Brasília. Meu primeiro emprego em Brasília. Eu cheguei aqui, salvo engano, foi final (do ano) de 62 ou princípio (do ano) de 63, ainda havia muito mato em Taguatinga<sup>3</sup>, muitos barracos de tábuas. Nós fomos morar lá perto do Mercado Norte, que hoje se chama "QND", perto da Praça do Bicalho. Enfim, meu primeiro emprego aqui no Distrito Federal, aqui em Brasília, Plano Piloto<sup>4</sup>, foi em uma lavanderia, chamava-se "Lavanderia Suíça", ela era do suíço ..., que se chamava esse senhor, ele já faleceu há muito tempo, e eu trabalhava fazendo o quê? Eu ia de apartamento em apartamento no Plano Piloto, agenciando roupas: "Tem roupa para lavar, ternos e tal?" Eu levava um crachazinho da lavanderia e as pessoas... Eu carregava os ternos, as roupas, os vestidos das madames e tudo para o posto da lavanderia, o senhor ... passava com uma kombi e levava para a matriz, que era em Taguatinga, onde tinha as caldeiras para lavar, passar etc. e tal. Mas que era um serviço, eu ganhava comissão, mas ganhava pouco, e daí depois eu voltei a trabalhar de garçom. Eu trabalhei em um restaurante que era muito... era da elite aqui em Brasília, chamava-se Tabuleiro da Baiana. O dono desse Tabuleiro da Baiana era um servidor do Banco do Brasil, que na época da Revolução ele foi preso como subversivo, que parece que ele tinha uma tendência assim

---

3 Região Administrativa do Distrito Federal.

4 Nome atribuído ao projeto urbanístico de Brasília, DF.

meio esquerdista, e aquela época era meio tenebrosa, em 1964/65, ele foi preso, naquela época, eu trabalhava de garçom. Depois teve esse problema, o restaurante fechou, e tinha uma pessoa que tinha um bar ali perto, na 103 Sul<sup>5</sup>, onde é o Carpe Diem<sup>6</sup>, hoje, era o Tabuleiro da Baiana, mais em baixo tinha uma sucursal da Folha de São Paulo, do estado de São Paulo, e tinha um barzinho, e o dono do bar era um paranaense que gostava de mim, ele sabia que eu era um garoto esperto, e falou assim: “Olha, você vai trabalhar comigo, você não vai ficar desempregado, não”. Daí eu fiquei trabalhando com ele, gerenciando o bar dele, fiquei uns dois anos. Um dia chegou minha mãe lá, minha mãe morava em Taguatinga e eu dormia no próprio bar, minha mãe chegou, constrangida, com os olhos assim meio lacrimejantes: “Meu filho, isso aqui não é ambiente para você, não. Eu quero que você seja um homem”, porque eu havia parado de estudar. “Você vai voltar a estudar e você vai fazer um concurso público, porque isso aqui não é ambiente para você”. Olha, até hoje eu me lembro disso, a minha mãe que me deu esse empurrão. Naquela época, eu tinha parado de estudar e achava que com gorjeta eu ia viver bem e já estava na boemia, com dezoito, eu tinha o quê naquela época, dezoito anos de idade, isso em 1965/66, com dezoito ou dezenove anos, enfim, aquilo me calou, fundo na minha alma, e eu fui fazer um supletivo para terminar o ginásio, porque lá em Anápolis – quando eu vim para cá, eu não tinha terminado, não tinha feito – naquela época era assim: era primeiro, segundo, terceiro, quarto (ano) do ginásio; depois você entrava no científico ou no clássico, se você quisesse ciências exatas, era científico, senão, era o (clássico)... Bom, então eu terminei o supletivo aqui,

---

5 Quadra da Asa Sul, bairro da região administrativa de Brasília, DF.

6 Restaurante localizado em Brasília-DF.

primeiro grau, depois eu fiz o segundo grau. A minha irmã trabalhava na Fundação Hospitalar, graças a Deus! A minha irmã também é o meu anjo da guarda, a Maria Viana, eu a chamo de Lia. A Lia arrumou-me um emprego, me apresentou ao diretor do hospital, antigo Hospital Distrital<sup>7</sup>, que era um hospital referência aqui no Distrito Federal, quem sabe no Brasil, era um hospital-escola, e eu fiz um teste na antiga Fundação Hospitalar, e passei bem, daí eu fui contratado como celetista, naquela época, quem mandava no país era os militares, inclusive quem me deu uma prova foi um tenente, um tenente assim meio..., aquele semblante fechado, disse: “Olha, faça isso aí, essa redação”, e vou dar a você quinze minutos para você fazer a redação”. Eu falei: “Mas senhor, quinze minutos é muito pouco”. “Então vou dar a você meia hora”. Ele me deu umas questõezinhas de matemática, de divisão, e uma redação. Eu me lembro até hoje qual foi o tema da redação. Eu falei sobre a segunda-feira, porque ninguém gostava da segunda-feira, mas eu amava a segunda-feira, porque a segunda-feira era... “Deus criou o mundo e descansou no sétimo dia”, e a segunda-feira para mim é um dia iluminado. Eu falei... Mas, eu me lembro até hoje disso. Mandaram-me um telegrama me convocando, e ele queria me entrevistar, e disse: “Olha, gostei da sua redação. Traga a sua carteira de trabalho, que você será contratado”. Enfim, isso foi em 1969, então eu fiquei no Hospital Distrital de 1969 até 1974, quando eu prestei um concurso para (o cargo de) Oficial de Justiça e, em 1974, eu fazia Administração de Empresas na UDF<sup>8</sup>, eu já havia

---

7 Atualmente denominado Hospital de Base do Distrito Federal – HBDF, pertencente à rede pública de saúde do Distrito Federal.

8 Centro Universitário do Distrito Federal.

terminado o supletivo de 2º Grau, passei no Vestibular, e fui fazer Administração de Empresas, porque os médicos do hospital gostavam muito de mim e falavam: “Divino, faça Administração de Empresas que você pode ser diretor administrativo deste hospital. Você é um garoto trabalhador, etc.” E me incentivaram. Bom, quando eu passei no concurso para Oficial de Justiça, eu vim aqui para o Tribunal, eu não me lembro se foi final (do ano de) 74 ou princípio (do ano de) 75. Eu só lembro que o Presidente do Tribunal era o saudoso Milton Sebastião Barbosa<sup>9</sup>, o pai do desembargador Otávio Augusto Barbosa<sup>10</sup>. Só tinha uma vaga para oficial de justiça, e passamos três em primeiro lugar. Daí ele fez uma reunião conosco e disse: “Olha, o senhor César, que já é servidor – o César que era escrevente da 1ª Vara Cível – ele foi nomeado e, em segundo lugar, ficou o senhor José Divino”, do José Divino até o 12º lugar, que alcançou o Mário Gurtyev<sup>11</sup>, que foi desembargador lá no Amapá, e foi juiz aqui também, contratou anomalmente como celetista temporário porque o Senado Federal havia dado autorização porque precisa-

- 
- 9 Desembargador do TJDF entre 1967 e 1977, ano de sua aposentadoria. O desembargador faleceu no dia 18/1/1995.
  - 10 Desembargador do TJDF entre 1992 e 2014, ano de sua aposentadoria.
  - 11 Mário Gurtyev de Queiroz, juiz do TJDF entre 1984 e 1991, e desembargador pelo Tribunal de Justiça do Estado do Amapá, entre 1991 e 2013.

va de oficial de justiça. Nós ficamos quatro meses como celetistas e depois saiu a nossa nomeação como estatutário. Então, comecei a minha carreira, aqui, como servidor, muito honrado em ser oficial de justiça. Eu mudei de curso, eu vi que não gostava de matemática, não gostava de estatística, mudei para (o curso de) Direito, daí como dizem assim no termo coloquial “juntou a fome com a vontade de comer”. Eu gostei do Direito e comecei a estudar, a me aprimorar, a estudar em casa, final de semana, apesar de jovem ainda, gostava das minhas farrinhas, eu gostava um pouquinho da boemia, mas nunca deixei de estudar. Muito bem, eu me formei (no ano de) 79 em Direito. Em 80, eu prestei um concurso, ainda como oficial de justiça, para ser promotor de justiça dos Territórios, e passei, passei em terceiro lugar. Bom, então eu havia me casado em 1979 e, no ano de 80, eu passei no concurso para os Territórios. Fui nomeado e, à época, o Procurador-Geral era o doutor Dimas...

### **Desembargador Natanael Caetano Fernandes**

Dimas Marçal Vieira!

### **Desembargador José Divino de Oliveira**

Isso. E ele está vivo, não é? Está vivo. Ele foi desembargador lá em Rondônia, aposentou-se, e Presidente do Tribunal lá. Então, eu conversei com a minha mulher e disse: “Bem, nós vamos para os Territórios”. Eu podia escolher entre Roraima, Amapá ou... e tinha um que depois foi transformado em estado, eu acho que foi Rondônia, ainda era Território...

### **Desembargador Natanael Caetano Fernandes**

Foi Rondônia mesmo.

## Desembargador José Divino de Oliveira

Porque só depois da construção que... Pois bem, o Tribunal (de Justiça) do Distrito Federal ainda tinha jurisdição como tem nos Territórios. Daí eu conversei com a minha esposa e ela falou assim: “Olha, Divino, eu não quero atrapalhar a sua carreira, fiquei muito orgulhosa de você ter passado no concurso. É o seu sonho, deixar de ser oficial de justiça e ter uma carreira Jurídica. Mas você vai me perdoar, eu não vou deixar o meu pai, eu vou de mês em mês lá e você vai só”. Daí, eu pensei aquilo, eu não dormi essa noite, fiquei matutando aquilo: “Mas eu vou só”, eu nunca gostei de ficar só, eu tenho ojeriza, eu tenho o maior pavor de ficar na solidão. E me falaram que nos Territórios tinha que pegar o “teco-teco”, fazer audiências no interior ou então, ir de barco. E, naquela época, eu tinha um pavor de viajar, eu não gostava muito de viajar de avião. E com esse problema, sabem o que eu fiz? Eu cheguei no doutor Dimas, ele fez uma reunião, e eu falei: “Doutor Dimas, o senhor vai achar que eu estou ficando maluco, mas eu pensei e repensei e vou renunciar, eu não vou tomar posse”. Ele: “Mas você é doido! Vai deixar de ser promotor nos Territórios, o Governador vai lhe dar casa para morar, segurança... Para você continuar aqui como oficial de justiça?” Eu disse: “Não, mas...” “É, porque eu sei que oficial de justiça ganha bem” (disse ele). Eu disse: “Doutor, mas não é nada de dinheiro. Eu gostaria de ir, mas tem um empecilho, um problema de família”. Daí, quando eu fiz uma carta renunciando, o que foi nomeado em meu lugar, dizem que fez a maior festa. Foi Tomás, que depois foi deputado lá, e depois ele foi para Rondônia e foi deputado em Rondônia. Esqueci o nome completo dele, doutor Tomás. E eu... minha mulher falou assim: “Divino, você vai continuar estudando, eu tenho certeza que você vai ser promotor aqui em Brasília, no Distrito Federal”. Eu falei: “Bem, mas o concurso é muito difícil, muito difí-

cil”. E eu continuei estudando, não perdi o estímulo, continuei trabalhando como oficial de justiça e, graças a Deus, eu consegui passar no concurso do Ministério Público, que a carreira aqui no Distrito Federal, o cargo inicial da carreira do Ministério Público aqui, era como defensor público. Foi o lugar que eu mais aprendi Direito, foi exercendo o cargo de defensor público. Eu me lembro que, quando eu tomei posse, salvo engano, foi em 1982, o finado e saudoso desembargador Everards Mota e Matos,<sup>12</sup> era o chefe de gabinete do então procurador-geral Dilermando Meireles.<sup>13</sup> Daí ele me nomeou, designou, quero dizer, para ser superintendente da Defensoria Pública em Taguatinga, tem um nome bonito “superintendência”, mas não era nada, era só coordenador dos estagiários, e fomos eu e Brasilino, que também era do meu concurso, fomos trabalhar na Defensoria Pública. Era muito serviço, serviço demais, olha, eram uns trinta estagiários, todos os dias eu levava quarenta, cinquenta petições em uma maletazinha para casa para eu corrigir no final de semana, porque lá eu tinha que atender e fazer petição e fazer audiência no Crime e no Cível. No Cível tinham muitas ações também e no Crime... No Crime, a maioria dos réus era defendida por nós. Mas ali eu aprendi muito, aprendi muito com os estagiários também, porque eu não tinha aquela prática jurídica ainda, porque na faculdade nós aprendemos

---

12 Nomeado desembargador do TJDF, em vaga reservada ao quinto constitucional, em 15/8/1994. O desembargador faleceu em 27/4/2003.

13 José Dilermando Meireles, procurador do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT), de 1967 a 1994; desembargador do TJDF entre 1994 e 1998, ano de sua aposentadoria. Faleceu em 9/7/1998.

teorias, não é? Nós vamos aprender o Direito mesmo é trabalhando. Bom, então em 1982, eu me lembro que a gente ganhava... a minha esposa, era professora Classe C, trabalhava nos dois turnos, ela ganhava o dobro do que eu ganhava como defensor público. Então, eu que era oficial de justiça antes, que tinha um rendimento razoável... Naquela época, nós ganhávamos bem como oficial de justiça, porque toda diligência nós podíamos cobrar do advogado. Os senhores se lembram, não é? Porque naquela época, o senhor (desembargador Natanael) era juiz de 1º Instância...

### **Desembargadora Carmelita Brasil**

Desembargador José Divino, cortando aí o fio tão suave, que Vossa Excelência estava fazendo da própria vida, eu indagaria uma coisa: no exercício da atividade de oficial de justiça, algum fato interessante, alguma coisa diferente, em épocas difíceis como aquelas dos anos de chumbo?

### **Desembargador José Divino de Oliveira**

Eu não sei se eu teria tempo para contar, mas eu vou ser breve, vou contar dois episódios que eu não esqueço nunca. O primeiro episódio – olha, nós vivemos os tempos da revolução, tempos difíceis, como oficial de justiça – eu me lembro que em 1976, por aí, ou 1977, eu era oficial de justiça, éramos lotados em determinadas varas, eu trabalhava, salvo engano, eu era da 4ª (Vara), eu cumpria mandados da 1ª, da 2ª e, salvo engano, da 3ª (Vara),

que o juiz era o doutor Rios,<sup>14</sup> que era o juiz da 3ª (Vara), depois foi o Pedro Aurélio,<sup>15</sup> que o substituiu por um tempo, é, salvo engano, foi isso. Então, fui cumprir um mandado contra um general do Exército, e eu não sabia que o cidadão era general, mas um general que não gostava de pagar ninguém. Era uma execução, fui citá-lo para ele pagar uma execução em 24 horas, sob pena de penhora, ele morava no Lago Sul,<sup>16</sup> em uma mansão suntuosa, e eu tinha um companheiro, porque nós trabalhávamos em dupla, ele dirigia um fusquinha, e eu, confesso que naquela época, eu era tão acomodado que não sabia dirigir, eu dividia a minha renda com o colega para ele dirigir para mim. E fomos à casa desse cidadão, estava lá o nome, não sei o quê lá, não sabia a qualificação dele, chegamos assim, veio um senhor, uma pessoa de uns trinta anos, um senhor alto, parecia um armário, forte, com o cabelo cortado, acho que era militar, mas à paisana. Ele: “O que o senhor quer?” Eu disse: “Olha, eu sou oficial de justiça” – tirei a carteira e mostrei para ele. “Eu sou oficial de Justiça, eu quero falar com o senhor fulano de tal”. Ele: “Não, mas pode falar comigo”. Eu disse: “Não, eu quero falar com ele, é pessoal, eu estou cumprindo uma ordem do juiz. O senhor, por favor, chame-o”. Ele falou: “É o general, ele não vai lhe atender não, ele está acabando de se arrumar para ir ao aeroporto, ele vai viajar agora mesmo”. Eu falei: “Ah, está bom, mas avise-o que tem um

---

14 Sebastião Rios Corrêa, então Juiz de Direito do TJDF.

15 Então juiz de direito Pedro Aurélio Rosa de Farias. Desembargador do TJDF entre 1993 e 2003, ano de sua aposentadoria.

16 Região Administrativa do Distrito Federal.



oficial de justiça aqui, que tenho uma comunicação para entregá-lo, diga a ele". E ficamos lá uns vinte minutos, nada do cidadão aparecer, e de repente, então, quando eu vi, saiu um senhor alto, grisalho, bem vestido, saiu assim e não nos deu nem confiança. Eu falei: "O senhor que é o doutor fulano de tal?" Eu não o chamei de general, porque eu não sabia se era blefe do servidor dele, do empregado dele. Ele falou: "Eu sou sim. Eu sou o general Fulano de Tal". Eu falei: "Senhor, eu tenho um mandado de citação para o senhor aqui". Ele falou: "Não vou assinar essa..., não quero..." Cara mal educado, que coisa incrível. Daí eu me irritei e fui atrás dele, ele já ia entrando num carro preto e aquele fortão entrou no carro. Eu falei: "Senhor, o senhor está citado. Isso aqui é uma citação para o senhor pagar em 24 horas, o senhor quer que eu leia o mandado para o senhor?" Ele falou: "Não precisa ler essa..." Eu falei: "Senhor, mas o senhor não pode se dirigir assim, eu estou aqui cumprindo ordem do juiz". Ele: "Vai você e esse juiz..." Então, eu falei assim: "O senhor está citado". E joguei o mandado dentro do carro. Eu fiquei até com medo de apanhar e chamei o João para ser minha testemunha – o Joãozinho estava no carro e não quis descer, não – para ele assistir tudo. Mas nós temos fé pública, então o que eu fiz: cheguei e fui para casa, continuei outros mandados e tal, fiquei chateado aquele dia, porque foi uma coisa tão chata, e quando eu chego... Eu tinha costume de... Eu e Joãozinho morávamos no Guará,<sup>17</sup> nós tínhamos o costume de almoçar em casa. Ele me deixava em casa, depois ia para a casa dele, na volta ele me apanhava e nós íamos para o fórum, na sala dos oficiais de justiça. Quando eu cheguei à sala dos oficiais de justiça, tinha um recado para mim: "Olha, o juiz da 2ª Vara quer falar com você". Eu sabia mais ou menos

sobre o que seria. Mas nessa altura, eu já (tinha) feito a certidão, na sala dos oficiais já tinha... Eu narrei tudo, os palavrões que esse general usou... coloquei tudo na certidão. Daí, eu cheguei ao gabinete: "Vossa Excelência queria falar comigo?" – não vou citar o nome desse juiz por uma questão ética. Ele falou assim: "Olha, é porque eu tenho o senhor em boa conta, viu, senhor José Divino, mas tem uma reclamação muito grave contra o senhor aqui". Eu falei: "Sim, do que se trata Excelência?" Ele: "A esposa do general Fulano de Tal disse que o senhor foi lá hoje cumprir o mandado, desacatou a ela e ao marido dela com palavrões..." Eu sou louco de... fui cumprir o mandado. Eu falei assim: "Vossa Excelência, eles estão querendo inverter, eu estou aqui com a certidão". Entreguei a certidão para ele, já fui municiado com a certidão na mão. Daí, ele leu a certidão e disse: "Nossa, nós estamos vivendo tempos difíceis. O senhor podia rasgar essa certidão e fazer outra mais... o senhor citou?" Eu falei: "Citei, está aí, escrito". Ele: "Não, não conta essas histórias". Eu disse: "Excelência, isso aqui é a minha segurança. Vossa Excelência mesmo falou que estamos vivendo tempos difíceis. E se esse general mandar sumir comigo? Eu já tirei três cópias: deixei uma com meu irmão mais velho – eu tinha tirado cópias, mas não tinha entregado ainda – e já deixei com pessoas amigas, da minha família, porque se eu desaparecer, já saberão quem desapareceu comigo". Porque aquela época era muito perigosa realmente e eu fiquei com medo. Daí, ele coçou a cabeça, ele viu que eu tinha razão. E a certidão foi juntada. No dia seguinte, me mandaram devolver o mandado, disse que não podia, inclusive, porque o executado já havia pagado a dívida. O advogado do credor foi lá e pediu a desistência porque ele correu,

ou a mulher dele, porque ele tinha viajado, pois disseram que ele tinha ido para o aeroporto, creio que foi ela quem pagou. Então, esse foi um episódio que eu não esqueci nunca. O outro, também com militar. Nós fomos apreender um veículo lá no Setor Militar Urbano<sup>18</sup>, um veículo com busca e apreensão de alienação fiduciária. O sujeito não pagou, o juiz mandou apreender o carro, (olhei o) o endereço, eu falei: “Joãozinho, nós temos sangue doce, vamos mexer com militar de novo”. Mas fomos lá cumprir o nosso dever. Chegando lá, o carro estava na garagem. Eu falei: “Joãozinho, o carro está aqui”. Mas só que nós primeiro conversávamos, e saiu um jovem lá, falei: “Eu sou oficial de justiça, eu vim aqui apreender esse carro e o senhor podia abrir essa...” A garagem era daquelas portas... A garagem dele era transparente, era de metal, mas dava para ver que o carro estava lá, com a placa dele e tudo. “O senhor podia abrir isso aí porque eu posso até deixar o senhor levar o carro lá, se o senhor quiser e o advogado quiser fazer algum acordo, o senhor pode ir, eu vou com o senhor e o meu colega vai atrás, nós podemos ir ao escritório do advogado para ver se sai um acordo, se não sair, não tenha dúvidas, o carro vai para o depósito”. Daí, ele olhou assim e disse: “Não, isso aí não é assim não. Você não vai tirar carro nenhum daqui não”. Eu falei assim: “Olha, eu estou cumprindo o meu dever, se o senhor não abrir isso aí, eu vou certificar para o juiz, e nós vamos arrombar essa porta e vamos levar o carro, vou vim com

---

**18** Setor de Brasília, Distrito Federal, onde se situam quartéis e o Quartel General do Exército brasileiro.

um guincho aqui”. Ele: “É por isso que pode aparecer no carro de vocês aí, uma bomba”. “É assim?”, eu falei. “Então está bom. Joãozinho, vamos lá para a delegacia” – falei para ele bem alto – “Vamos para a delegacia agora!” Mas não fomos para a delegacia não, eu só certifiquei para o juiz, aí não deu problema. No dia seguinte, o advogado fez uma petição que eles tinham pagado a dívida, quitaram a dívida, e o carro tinha sido liberado. E, um terceiro episódio. Aconteceram vários, vou contar só mais um. Esse eu fiquei com dó da ré: uma ação de despejo. O mandado mais difícil para cumprir é o mandado de ação de despejo, principalmente quando a pessoa é humilde. Na Ceilândia<sup>19</sup>, naquela época, dos anos 70, eu acho que foi em 1978, por aí, não me lembro bem. E a senhora, quando eu fui citá-la, ela veio com uma conversa assim de mãe de santo: “Oh, meu ‘filhinho’ e tal, você tem que ajudar a mãe aqui e tal”. Eu falei: “Minha senhora, é o seguinte, eu não tenho autorização para fazer isso, mas vou lhe dar um prazo para a senhora procurar algum lugar, porque não tem mais jeito, o juiz já decretou o despejo da senhora, pois a senhora não paga os aluguéis”. Ela falou: “Não, meu ‘filhinho’, você não vai fazer isso comigo, se não a mãe vai fazer um trabalho”, falava com aquela gíria. Eu falei: “Minha senhora, vou lhe dar quinze dias, está? Eu não podia fazer isso, porque o advogado vai ficar em cima de mim, mas vou lhe dar quinze dias sem poder, e a senhora trate de sair daqui, porque senão vou voltar aqui com um caminhão”. E ela não acreditou. Eu voltei vinte dias depois, e a

---

**19** Região Administrativa de Brasília-DF.

mulher estava lá. Eu só avisei de novo: “Minha senhora, a senhora não quer sair hoje não?” Nisso, eu fui de manhã, à tarde, eu já peguei um caminhão, conversei com o advogado, que contratou o caminhão e fomos lá despejá-la. Mas foi uma choradeira, e a gente... é coisa triste, mas eu tinha que cumprir o meu dever. Daí, essa mulher falou para mim assim, enquanto o pessoal estava carregando, pois a gente já leva os peões para carregar, e o advogado dá todos os meios para cumprirmos o mandado. Ela falou assim: “Meu filho, eu vou fazer um trabalho para você”. Eu falei: “Minha senhora, eu tenho Deus em meu coração, a senhora há de convir que eu estou cumprindo o meu dever. E se for, a senhora fique à vontade”. E ela com aquele olhar de ódio, fiquei também preocupado por muito tempo. Mas sempre que eu fazia minhas orações, sempre pedindo para... Mas a gente passa por muitas coisas, muita ameaça. Um coronel, uma vez, tirou uma pistola para mim, lá na casa dele, que nós tínhamos ido lá penhorar, remover um piano, mas cumprimos o nosso dever.

### **Desembargador Natanael Caetano Fernandes**

Mas quem faz a coisa com seriedade e consciência não acontece nada não.

### **Desembargador José Divino de Oliveira**

Bom, então retomando ao que eu estava historiando, eu aprendi muito no Ministério Público. Nós fizemos a primeira greve no país, aqui, quando o procurador-geral era João Ulhôa<sup>20</sup>, que foi Presidente, é desembargador deste Tribunal aposentado, e foi Presidente deste Egrégio Tribunal. Fizemos

---

20 João Carneiro de Ulhôa, foi procurador do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT), de 1971 a 1987; desembargador do TJDFT entre 1987 e 1996, ano de sua aposentadoria. Eleito Presidente do TJDFT para o biênio 1994/1996.

uma greve, porque nós ganhávamos muito mal. Repito o que eu já falei antes: a minha mulher como professora da fundação, antiga Fundação Educacional, ganhava o dobro do que eu ganhava como defensor público. Então, nós fizemos uma greve, salvo engano, no apagar do governo do (Presidente) João Figueiredo<sup>21</sup>. O ministro dele, se também não me falhe a memória, era o Ibrahim Abi-Ackel<sup>22</sup>, aquele mineiro que era deputado federal, salvo engano, nós, uma comissão, pegamos o ministro na porta do... ele ia viajar. Nós pegamos ele na porta, antes de embargar. Daí ele fez uma promessa de que iria conversar com o Presidente. Eu sei que por meio de um decreto, resolveu o nosso problema, porque nós estávamos em greve já há mais de 30 dias. Resolvemos, fechamos a greve mesmo, a primeira greve do país. Então, obtivemos, nós que éramos defensores já fomos transpostos automaticamente para promotores públicos substitutos, (com isso) já melhoraram os vencimentos, mas foi um tempo difícil para nós. Trabalhei no “Crime<sup>23</sup>,” por muito tempo e depois fui ser curador de (Vara de) Família, fui para Sobradinho trabalhar como curador de (Vara de) Família, ali eu me lembro que o juiz que estava lá na época, era o juiz substituto Sérgio Bittencourt<sup>24</sup>, ainda era juiz substituto, eu era o curador de Vara de Família. E teve lá uma investigação de paternidade, que tam-

---

21 João Baptista de Oliveira Figueiredo, Presidente do Brasil no seguinte período: 15 de março de 1979 (eleição indireta) a 15 de março de 1985.

22 Ibrahim Abi-Ackel, ministro da Justiça do Brasil entre 1980 e 1985, no governo de João Figueiredo.

23 Área Criminal.

24 Posse como juiz substituto do TJDFT em 4/4/1984 e como juiz de direito em 7/4/1989. Desembargador do TJDFT entre 1998 e 2014, ano de sua aposentadoria.

bém é muito gozada, se não dramática, seria muito gozada. Eu vou contar um pedacinho só: a investigação de paternidade era contra um médico, eu não vou revelar nome aqui de ninguém. Era contra um médico e a mãe da investigante, da criança, era uma enfermeira, uma auxiliar de enfermagem. Daí, nós (estávamos) ouvindo as testemunhas e todas elas, a primeira falou assim. O desembargador, (então) juiz Sérgio Bittencourt falou assim: “Onde a senhora conheceu o doutor Fulano de Tal, o réu aqui, o Fulano de Tal?” Ela: “Ah, doutor, nós trabalhávamos no hospital. Ele médico e eu, enfermeira, e depois do expediente, de vez em quando, no final de semana, nós íamos para o Bar ‘Pesçoço do Peru’”. Era o nome do bar que tinha lá. Por que “Pesçoço do Peru”? Vendia-se cerveja super gelada e o tira-gosto era pesçoço de peru, cozido, que era uma delícia. Depois eu fui lá conhecer esse Bar Pesçoço do Peru. E ouvimos umas quatro testemunhas, todas colegas dessa que era a mãe da criança, que era a suposta mãe da criança. E o juiz perguntava: “E a senhora conheceu ele como?” E uma (testemunha) falou assim: “No Bar Pesçoço do Peru. Também sou colega dela, trabalhávamos no mesmo hospital e nós, de vez em quando, íamos para o Bar Pesçoço do Peru. Agora doutor, estou me lembrando de um caso: teve um dia desses, ele foi com dois colegas, nós éramos três...” – a Fulana de Tal, que era a mãe da investigante, da criança, mais duas e o investigado, e mais dois médicos. Foi até um episódio muito gozado, pois teve uma hora que a moça falou: “... que nós fomos os três casais, para o motel...” Daí, o escrevente começou a querer sorrir. Eu olhava para o escrevente, que ficava vermelho e eu com uma vontade de sorrir, e eu: “Como um

promotor vai rir”, e o juiz, sério, mas também eu notei que... daí uma hora ele falou assim: “Vou suspender a audiência por cinco minutos”. Ele entrou no gabinete e eu fui para o banheiro e lavei o rosto para passar a vontade de rir. Mas essa audiência foi... depois nós comentamos. Eu me lembro até do advogado do médico, que era o Sebastião Taguari, quem quiser saber dessa história, talvez ele se lembre ainda, o Taguari, que era o advogado do investigado.

### **Desembargadora Carmelita Brasil**

Mas, nessa época, o senhor já pensava em fazer o concurso de juiz?

### **Desembargador José Divino de Oliveira**

Já. Eu cansei de dar parecer.

### **Desembargadora Carmelita Brasil**

Por que o desembargador Sérgio Bittencourt, desembargador Natanael, é do nosso concurso<sup>25</sup>, e eu conheci o desembargador José Divino, no dia da nossa prova oral.

### **Desembargador José Divino de Oliveira**

Foi. Eu estava lá. Eu queria ver a prova.

### **Desembargadora Carmelita Brasil**

E aí, terminou a nossa prova oral, ele se aproximou, começamos a conversar e ele disse: “Não, eu vim aqui para ver como se desenvolve a prova oral, porque eu vou fazer o concurso”.

---

25 XII Concurso (1983-1984) da magistratura do Distrito Federal.

## Desembargador José Divino de Oliveira

Foi isso mesmo. Eu já pensava em fazer. Eu estava louco para fazer, porque apesar da função muito nobre que tem o membro do Ministério Público, mas o Ministério Público não julga e eu queria julgar, porque às vezes a gente ficava frustrado, dava um parecer trabalhado e o juiz passava por cima do parecer. Daí, eu falei: “Quer saber de uma coisa? Eu quero é decidir. Vou prestar concurso para juiz”. E assim... Eu estudei, me preparei uns dois anos, estudando e trabalhando no MP, mas tirando algumas licenças que eu tinha direito, licença-prêmio, e meus filhos estavam pequenos, eu pedia minha mulher para sair final de semana, ir ao clube com eles. Minha mulher me ajudou tanto e tem um papel fundamental no êxito da minha carreira, minha querida Renilde. Ela fazia, saía com as crianças para ir ao Minas<sup>26</sup> – nós éramos sócios do Minas – para eu ficar em casa, sossegado, estudando, porque enquanto os meninos estivessem (em casa), eles queriam que eu ficasse brincando com eles, porque eram pequenos, o Rodrigo, ainda era pequeno, e o Edinaldo, nós só tínhamos dois, porque quando a Daniele nasceu, ela nasceu no ano em que eu passei no concurso<sup>27</sup>, que eu vim para a magistratura em 1989. Nós tínhamos só o Rodrigo e o Edinaldo.

## Desembargadora Carmelita Brasil

Desembargador Natanael, o desembargador (José) Divino tem uma peculiaridade muito interessante: que eu conheça, ele é o único do nosso Tribunal e dos demais tribunais do país que passou duas vezes no mesmo concurso, sabia?

---

26 Minas Brasília Tênis Clube, instituição de esporte, cultura e lazer tradicional em Brasília, DF.

27 XV Concurso (1988-1989) da magistratura do Distrito Federal. José Divino de Oliveira foi aprovado em 2º lugar no cargo de Juiz de Direito Substituto.

## Desembargador Natanael Caetano Fernandes

É?

## Desembargadora Carmelita Brasil

É. Porque ele estava me contando a história do primeiro concurso que ele fez para a magistratura, a comissão cometeu um equívoco, porque ele não fez pontuação em títulos e (por isso) o considerou reprovado. Eu falei: “Não, (José) Divino, os títulos são apenas classificatórios, você passou naquele concurso anterior. O desembargador Sérgio caiu exatamente na mesma hipótese e, depois, por medida judicial, ele tomou posse. E o (José) Divino não quis judicializar a questão e ficou então com essa dupla aprovação.

## Desembargador José Divino de Oliveira

Eu fiz o outro (concurso), daí o outro não teve problema. Então, desembargadora Carmelita, naquele concurso que era Ana Maria<sup>28</sup>, Jair Soares<sup>29</sup>, Vera Andrighi<sup>30</sup>, naquele concurso<sup>31</sup>, eles deixaram de contar dois títulos meus: um da Escola da Magistratura, da primeira versão da Escola, lembra-se que o Presidente da Escola era o (desembargador) Pedro Aurélio (Rosa de Farias)?

## Desembargadora Carmelita Brasil

Sim.

---

28 Ana Maria Duarte Amarante Brito, desembargadora do TJDF de 18/2/2004.

29 Jair Oliveira Soares, desembargador do TJDF desde 20/1/2004.

30 Vera Lúcia Andrighi, desembargadora do TJDF desde 2/2/2004.

31 XIV Concurso (1987-1988) da magistratura do Distrito Federal.

**Desembargador José Divino de Oliveira**

Eu fiz dois cursos da Escola. Aquele primeiro, ele conferiu...

**Desembargador Natanael Caetano Fernandes**

Acho que depois eu fui ser o Presidente (da Escola da Magistratura).

**Desembargador José Divino de Oliveira**

Depois Vossa Excelência (desembargador Natanael) foi ser o Presidente da Escola, tiraram o Pedro Aurélio, porque ele foi afastado...

**Desembargador Natanael Caetano Fernandes**

Estabelecemos que só serviria para título de concurso de juiz, não tinha remuneração para quem fizesse o...

**Desembargador José Divino de Oliveira**

Eu me lembro que a doutora Lila Pimenta<sup>32</sup>, parece que o senhor subscreveu junto com a (desembargadora) Lila Pimenta, um certificado para mim.

**Desembargador Natanael Caetano Fernandes**

Foi.

---

32 Lila Pimenta Duarte, desembargadora do TJDFT entre 1992 e 1993, ano de sua aposentadoria. A desembargadora faleceu em 14/8/2002. O nome da magistrada foi designado, por unanimidade, pelo Tribunal Pleno, em 2009, para nomear o Memorial TJDFT, que hoje se chama “Espaço Desembargadora Lila Pimenta Duarte”.

**Desembargador José Divino de Oliveira**

E eles não computaram o título, e eu lecionava Direito Processual Penal no CEUB<sup>33</sup> e não contaram como título também. Eu fiquei muito magoado àquela época com o Tribunal, mas já são águas passadas e Deus me iluminou, pois eu passei no segundo (concurso). Passei bem, fui o segundo (colocado), o Jonas<sup>34</sup> foi o primeiro, eu fiquei em segundo lugar. E, dessa vez, tornaram a errar nos títulos, mas deixa para lá. (Risos) Mas, graças a Deus, estou aqui hoje. Então, desembargadores Carmelita e Natanael, a princípio, eu não pensava em ser juiz, mas quando eu estava no Ministério Público, aí me deu vontade de prestar o concurso e vir para a magistratura, onde eu estou muito feliz. Eu sou realizado, graças a Deus, eu sou realizado, tanto na vida particular quanto na vida profissional. Quando juiz, eu tomei posse<sup>35</sup>, salvo engano, em junho ou julho de 1989, e quem nos deu posse foi a desembargadora Maria Thereza<sup>36</sup>. A posse daquela época não era tão bo-

---

33 UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

34 Jonas Modesto da Cruz, aprovado em primeiro lugar para o cargo de Juiz de Direito Substituto, no XV Concurso da magistratura do DF (1988-1989).

35 Posse em 27/7/1989, no cargo de Juiz de Direito Substituto do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), por meio da aprovação no XV Concurso (1988-1989).

36 Maria Thereza de Andrade Braga Haynes, desembargadora do TJDFT entre 1980 e 1991, ano de sua aposentadoria. Foi a primeira mulher a ocupar tal cargo no Tribunal, como também a primeira Corregedora e, até então, única mulher a exercer o cargo de Presidente desta Corte de Justiça. Coordenou também a comissão de implantação do Conselho Gestor do Programa Memória do TJDFT e conduziu aproximadamente 30 entrevistas deste Programa História Oral.

nita como é hoje a solenidade, o pleno, os desembargadores com a toga de gala, os juízes vão assistir... A nossa posse foi de pé, na frente da desembargadora Maria Thereza, não estou aqui criticando, isso não é nenhuma crítica, eram tempos austeros, não é? E o Jonas ficou muito frustrado, porque ele levou um discurso, (foi) o primeiro lugar, um goiano inteligentíssimo, o doutor Jonas Modesto levou um discurso no paletó e ela não deu a oportunidade dele ler o discurso. E estava lá a mulher dele, eu levei a minha mãe, ela estava presente, um tio meu de Anápolis, que é o mais velho, que eu o convidei para vir, tinha mais, as minhas irmãs, e foi aquela posse assim insossa.

### **Desembargadora Carmelita Brasil**

A nossa também foi assim, sem nenhuma formalidade especial.

### **Desembargador José Divino de Oliveira**

Ficou muito insossa. Mas o importante é que nós ficamos muito orgulhosos, muito felizes em tomar posse como magistrados. Bom, essa posse foi numa sexta-feira, depois fomos para a sala de um lanche, franquearam uma sala para nós, alguém comprou alguma coisa, nós abrimos lá um prosecco e convidamos uns desembargadores, mas eles não quiseram. Eu me lembro que o desembargador Manoel Coelho,<sup>37</sup> estava lá, nós o convidamos, convidamos outros, mas eles não quiseram nos prestigiar, então ficamos somente nós mesmos, com alguns parentes, tomamos um prosecco, comemos lá e fomos embora. Mas antes de irmos embora, chegou lá uma pessoa da Vice-Presidência, já com a Portaria para nós. Eu, José Divino, em exercício pleno na 4ª Vara Cível, porque o juiz titular estava convo-

cado no Tribunal, salvo engano, era o doutor Jeronymo.<sup>38</sup> Na segunda-feira, o que é que eu fiz: eu cheguei mais cedo, porque eu não era tolo, eu já havia sido promotor, quis ver os processos, tinham dois procedimentos sumários e duas instruções de Ação Ordinária. O que eu fiz: peguei os dois, eram coisas fáceis: era delito, era reparação de danos por acidente de trânsito. Olhei direitinho, não tinha perícia, mas tinha uma ocorrência da tal... daí, já fui para a audiência sabendo o que iria perguntar para as testemunhas. A escrevente da audiência era Josina (Cardozo da Silva – analista judiciário – atualmente aposentada), não sei se Vossa Excelência se lembra?

### **Desembargadora Carmelita Brasil**

Lembro.

### **Desembargador José Divino de Oliveira**

Josina era uma moreninha, tinha o olho grande, cabelo meio encarapinhado. Foi até diretora da Associação dos Servidores. A Josina era aquela escrevente muito inteligente, aquela menina. E célere na datilografia, naquela época não existia computador. Eu ditei... terminou, as alegações finais, o advogado “reitero os termos da inicial”, pela improcedência e tal, e Josina já adiantou: “Seguindo o MM juiz, determinou que se fizesse conclusão para sentença”. Falei: “Não senhora, o MM juiz proferiu a seguinte sentença...” Ela olhou para mim assim, com o olho grande e falou: “Doutor, o senhor vai dar a sentença agora?” Eu falei: “Vou”. O baixinho era atrevido (risos). Já estava mais

---

**38** Então juiz de direito, José Jeronymo Bezerra de Souza. Atuou como desembargador do TJDF entre 1991 e 2006, ano de sua aposentadoria.

---

**37** José Manoel Coelho, nomeado desembargador do TJDF em 1981. Faleceu no dia 30/5/1992.

ou menos na minha cabeça... Terminou, chamam os outros, era outro sumário. Dei outra sentença. Agora, depois foi instrução. Então, eu tinha que fazer isso sabe por quê? Porque eu confesso: aquele primeiro dia em que eu vesti a toga do juiz... “pesa”, meu coração, quando eu sentei na cadeira: “Divino, você agora é juiz. Você não pode falhar”, o coração bate mais forte, com emoção, apesar de ser muito gostosa, mas foi uma emoção impactante, mas uma felicidade, e quando eu terminei de proferir aquela sentença eu me senti tão feliz e agradei muito a Deus, de poder julgar. Daí, passei em várias Varas Cíveis, quando o desembargador Pedro Aurélio foi afastado àquela época, eu fiquei três meses na 5ª Vara (Cível). Eu fiquei no Cível durante muito tempo.

### **Desembargador Natanael Caetano Fernandes**

Pedro Aurélio (Rosa de Farias) era da 3ª (Vara) Cível, não é?

### **Desembargadora Carmelita Brasil**

Era. Não, não, era da 5ª. Da 3ª, era o (desembargador) Queiroga<sup>39</sup>.

### **Desembargador José Divino de Oliveira**

Não. Era da 5ª Cível, titular da 5ª (Vara Cível). Depois eu fui para uma Vara de Fazenda, e foi lá que Vossa

---

<sup>39</sup> Deocleciano Elias de Queiroga, então juiz de direito do TJDF. Desembargador do TJDF entre 1990 e 1994.

Excelência (desembargador Natanael)... Eu fiquei constrangido quando eu fui substituir o doutor Hilário<sup>40</sup>, na 2ª Vara de Fazenda. O doutor Hilário tinha tirado uma licença, não sei para quê, se era uma licença-prêmio, ele iria ficar uns três ou quatro meses, não sei. E me designaram para a (Vara de) Fazenda. Eu também fiquei muito feliz para trabalhar com Direito Público, não é? A gente aprende, no primeiro dia fiquei meio apreensivo. E, eis que havia uma salinha, assim ao lado do gabinete do doutor Hilário, e estava lá o juiz antigo, que estava convocado no Tribunal, era o desembargador Natanael (Caetano Fernandes). Eu falei: “Desembargador, o senhor me desculpe, doutor Natanael. Vossa Excelência, por favor, fique no gabinete, eu fico aí”. E a sala dele com os processos dele, vinculado, não é? Ele com essa fleuma britânica que o desembargador Natanael tem e essa humildade dele: “Não, fique aí em seu gabinete. O senhor está substituindo aí o titular e eu fico aqui mesmo”. Eu fiquei muito, fiquei assim até constrangido em ficar no gabinete e um juiz antigo ficar naquela...

### **Desembargador Natanael Caetano Fernandes**

Mas eu sempre fiz isso, eu achava que o juiz substituto, que está com jurisdição plena na vara e eu vinculado a um monte de processos, eu tinha que ficar em meu cantinho para trabalhar, mas o dono da vara é o substituto que está em exercício lá. Eu acho que no gabinete tem que ser o...

---

<sup>40</sup> José Hilário Batista de Vasconcelos, então juiz de direito do TJDF. Desembargador do TJDF entre 1993 e 1997.



## **Desembargadora Carmelita Brasil**

Que tempos difíceis, não é, (desembargador) Natanael? De substituição...

## **Desembargador José Divino de Oliveira**

Eu tenho outra história para contar. Então, eu passei em várias Varas Cíveis, fui para essa Vara de Fazenda Pública, onde eu aprendi muito, me aconselhava muito, pedia aos mais velhos, inclusive ao desembargador Natanael, quando eu tinha uma dúvida: “Olha esse caso aqui...” De vez em quando, eu filava o conhecimento de sua Excelência, e depois passei também em algumas Varas Criminais. Substituí o desembargador Otávio (Augusto Barbosa), quando ele era o titular da 4ª Vara (Criminal). Substituí na 3ª Vara Criminal, o finado (desembargador) Oswaldo de Sousa e Silva,<sup>41</sup>. Passei na 1ª (Vara) Criminal, passei na 3ª – do desembargador Oswaldo -, passei na 4ª, do desembargador Otávio e, depois, um dia me puseram na Vara de Entorpecentes. Fui para lá contrariado, mas substituto não pode escolher, não é? No primeiro dia em que eu cheguei na (Vara de) Entorpecentes, tinham três, uma quadrilha para eu interrogar, porque no Código daquela época, e tem aquela lei especial de 1976, o interrogatório era o princípio, começava-se interrogando, não que eu tenha nada contra agentes policiais, mas alguns deles são muito... enfim. Eu fui promotor há muitos anos também. Bom, na verdade é que... Daí, um dia, lá, fazendo uma instrução de um réu preso na Vara de Entorpecentes, chega o doutor Elenauro,<sup>42</sup> já com uma toga: “Olha, fui designado agora, para cá, porque eu sou mais velho do que você, eu teria de ir para Sobradinho,<sup>43</sup> mas eu

quero ficar aqui, o Vice-Presidente me mandou ficar aqui”. Aquilo foi um constrangimento muito grande, não gosto nem de contar essa história, mas foi um fato... eu fiquei tão constrangido, eu tive de sair no meio da audiência e ir para Sobradinho. Eu fiquei tão magoado.

## **Desembargadora Carmelita Brasil**

Esse depoimento é interessante, porque, naquela época, as designações para juiz substituto, o desembargador Natanael sabe melhor do que nós como eram feitas... Hoje não, hoje nós temos aí o juiz vinculado a uma vara, quando abre vaga em outra vara, há o concurso do substituto para ele passar para outra vara. Nós chegamos a esse processo de aperfeiçoamento de juiz substituto depois desse caminho doloroso pelo qual Vossa Excelência e nós também passamos.

## **Desembargador José Divino de Oliveira**

É, foram vários que passaram por esse...

## **Desembargador Natanael Caetano Fernandes**

Eu quando eu era juiz substituto, às vezes, eu acumulava três varas com jurisdição plena nas três, porque nós éramos pouquíssimos juizes.

## **Desembargador José Divino de Oliveira**

Ah, não tenho dúvidas, a propósito disso, desembargador Natanael, eu me lembro quando o desembargador Irajá,<sup>44</sup> (Pimentel) era o Corregedor, eu fui designado para

---

41 Desembargador do TJDF entre 1993 e 1995, ano de sua aposentadoria. Faleceu em 2/7/2014.

42 Então juiz de direito do TJDF, Elenauro Batista dos Santos.

43 Região Administrativa do Distrito Federal.

---

44 Desembargador do TJDF entre 1984 e 1993, ano de sua aposentadoria. Faleceu em 15/3/2002.

trabalhar no plantão, eu e a Beatriz, a finada e saudosa (desembargadora) Beatriz Parrilha<sup>45</sup>, naquele tempo era Parrilha, e coincidentemente a então juíza Beatriz Parrilha, foi designada para trabalhar no Crime e eu, no Cível, e a minha querida colega, doutora Beatriz, ligou para mim desesperada: “Colega, eu não sou afeiçoada ao Crime. Você aceita, vamos trocar?” Eu disse: “Com toda boa vontade, Beatriz não se constranja, faço isso com todo prazer”. E fomos conversar com o desembargador Irajá Pimentel. Ele não estava no momento, o juiz auxiliar, naquela época, do Corregedor, era o (então) doutor Smaniotto<sup>46</sup> e Mario Machado<sup>47</sup>. O Smaniotto com aquela fleuma britânica nos atendeu muito bem e falou: “Olha, o desembargador Corregedor não se encontra aqui, porque ele está em uma missão aí fora, mas eu vou levar a ele, mas eu já adianto, não terá empecilho”. E assim foi feito. Alterou a Portaria, eu fui para o Crime e Beatriz ficou no Cível. Eu fiquei feliz porque o Crime para mim não tinha dificuldade, já tinha sido promotor, e ela ficou feliz também porque ficou no Cível. Olha, nunca trabalhei tanto na minha vida, porque o Crime era a Vara de Execuções Criminais, de

- 
- 45** Então juíza Maria Beatriz Feteira Gonçalves Parrilha. Desembargadora do TJDF entre 2006 e 2010, ano de sua aposentadoria. Faleceu em 18/3/2012.
- 46** Então juiz Edson Alfredo Martins Smaniotto. Desembargador do TJDF entre 1997 e 2010, ano de sua aposentadoria.
- 47** Então juiz de direito Mario Machado Vieira Netto. Desembargador do TJDF desde 1997. Eleito Presidente do TJDF no atual biênio (2016-2018).

final de ano, que tem indulto natalino, tem saidão – isso foi em janeiro – Vara de Execuções Criminais e todas as Varas Criminais. Eu não sabia se fazia audiência de réu preso no Crime ou se eu corria lá para despachar processo e a advogada em cima, querendo livrar: “Ah, precisa passar com a família agora...” e a advogada assediando e a gente ficava até naquela agonia, eu falei: “Doutora, calma, calma, pode deixar que nem que eu tenha que sair daqui às 10 horas (da noite), eu vou examinar o processo do seu cliente” e trabalhava, às vezes, até 9 horas, 10 horas (da noite). Mas dei conta do recado, sobrevivi a isso. Bom, o que eu me lembro mais... Em 1997... eu fui promovido a titular em 1992 e fui para uma cidade muito boa, onde eu já havia sido promotor, que foi Sobradinho. Fui trabalhar, fui promovido para a Vara Criminal substituindo o desembargador Vaz de Mello<sup>48</sup> e, lá, eu instalei o Tribunal do Júri de Sobradinho, que o desembargador Paulo Guilherme (Vaz de Mello) começou, ele fez até o... Regimentou ainda... Eu aproveitei o Colégio de Jurados, ele começou a fazer e eu terminei, tinha de mandar ofício para as instituições, associação comercial, industrial, etc., para os segmentos da sociedade local, maçonaria, enfim. E eu tive a honra de presidir, de instalar o Tribunal do Júri, fiz o primeiro Júri em Sobradinho. A competência do juiz criminal era Vara Criminal, Tribunal do Júri e Delito de Trânsito. Era pesado, para um juiz só. Foi outro lugar que eu trabalhei para me “esborrachar”, mas feliz da vida, porque eu sempre gostei de ser juiz, graças a Deus. Trabalhei com bons promotores, no Crime, Júri, nunca tive

- 
- 48** Paulo Guilherme Vaz de Mello, desembargador do TJDF entre 1991 e 2008, ano de sua aposentadoria. Faleceu em 4/2/2016.

problema com nenhum promotor, com nenhum advogado, graças a Deus. Em 1994, eu pedi remoção aqui para... é que me falaram, na época, que quem não viesse para o Plano Piloto não poderia ser desembargador, mas não era verdade. Porque se eu soubesse que não era verdade, eu acreditei nisso, eu li lá, mas não entendi direito e vim para cá. Eu gostaria de ter ficado mais em Sobradinho, como por exemplo, o desembargador Mariosi ficou em Brazlândia até ser promovido. E eu gostava muito...

### **Desembargador Natanael Caetano Fernandes**

○ Vaz de Mello também, ele veio ser desembargador e era juiz titular lá em Sobradinho.

### **Desembargador José Divino de Oliveira**

Eu gostava tanto de Sobradinho, porque a sociedade local respeitava, convidava a gente para os eventos. Eu dei palestra na maçonaria, no Rotary Club lá, no clube local, para fazer uma pequena palestra lá, dentro da minha modéstia. O comandante da polícia me chamava para almoçar, eu ficava assim meio “será que devo ir”. Mas um dia também eu fui almoçar com ele por uma questão de não ser mal educado. Fui muito bem atendido no quartel, enfim, e gostava muito daquela cidade. E vim removido para a Vara de Família, onde eu fiquei... A 2ª Vara de Família, à época em que eu ingressei, tinha uns funcionários lá meio problemáticos, porque ela ficou algum tempo depois que o titular, que era o doutor Romão<sup>49</sup>, foi promovido a desembargador ficou (muito tempo) só com juiz substituto e “bagunçou”, desculpe a palavra, houve um pouquinho, a Vara ficou assim um pouco... “tumultuada” e alguns funcionários tratavam mal os advogados. (Ela) Tinha uma má fama, tinha duas funcionárias que eram meio

problemáticas. A primeira coisa que eu fiz foi pedir para rezar uma missa lá, para tirar aqueles maus fluidos – isso eu fiz em Sobradinho também, um padre, que inclusive hoje é Arcebispo de Brasília, Marcony<sup>50</sup>, aquele que fez a missa, ele era padre da paróquia lá, ele fez a primeira missa lá para nós, no fórum. Muito bem, fiz a reunião com os servidores e falei: “Olha, aqui, é o seguinte: advogado tem o mesmo tratamento que magistrado dentro do Ministério Público, entretanto, o advogado não pode estar gritando com vocês, ele tem que chegar com educação. Em contrapartida, o serventário, desde que respeitado, ele também tem que respeitar os advogados e as partes, e, inclusive, aquelas partes mais humildes, é que tem de ter tolerância, paciência, é que às vezes a pessoa é analfabeta, não sabe nem conversar, e vocês tem que tratar bem”. Eles: “Ah, doutor, porque aqui todo mundo trata bem, etc.” A diretora de secretaria interina lá, ela não era nem, ela era oficial de justiça que deixaram lá, não tinha o mínimo de preparo para ser diretora de secretaria. Daí, eu já mudei, a primeira coisa que eu fiz foi mudar o diretor de secretaria. E depois fiquei lá trabalhando. Eu comecei a ser convocado em 1997. Em 1997, eu fui para a Turma Recursal, fiquei... eu não cheguei a ficar nenhum um ano na Turma Recursal. Depois eu... já tinha uns processos na Turma Recursal vinculados, mas fui convocado para substituir o desembargador, que para mim foi uma honra muito grande, fiquei tão feliz, mas Vossa Excelência (desembargador Natanael) que me ajudou muito, me cedeu duas servidoras dele para me auxiliar, porque eu só tinha um oficial

---

50 Dom Marcony Vinícius Ferreira, bispo auxiliar da Arquidiocese de Brasília.

---

49 Romão Cícero de Oliveira, desembargador do TJDF desde 1994.

de gabinete, que é o Lucenio (José Lucenio de Amorim – analista judiciário do TJDF), que trabalha comigo até hoje, tirei ele, eu falei: “Agora você não vai ajudar juiz substituto não, você vai ter que me auxiliar, porque eu não agüento sozinho”. Porque o Cível era pesado, sempre foi pesado também, e eu, coincidentemente, fiquei muito tempo (em): era convocado (para) 1º ou 2º Vara Cível; (para) 1º ou 2º Criminal, em muitos anos. Perdão, Turma. Eu nunca passei na 3ª (Turma), nunca passei na 5ª (Turma), e só no final, quase perto de ser desembargador, foi que eu passei uns dois meses na 4ª Turma, nunca passei na 3ª e nem na 5ª, coincidentemente, e nem tinha passado na 4ª, era 1º e 2º, e eu adorava mesmo. Então, a minha primeira convocação, eu me lembro bem, que eu fui trabalhar na 2ª Turma Cível, onde estavam lá... Olha, quem estavam lá, sem desmerecer, claro, os demais: nosso atual Presidente, (o desembargador) Getúlio Vargas de Moraes Oliveira<sup>51</sup>; Fátima Nancy Andriighi<sup>52</sup>, e, salvo engano, era o desembargador Smaniotto, eu não lembro se era o desembargador Smaniotto ou se era...

### Desembargadora Carmelita Brasil

Ele passou lá. Ele esteve na 2ª (Turma) Cível.

- 
- 51 A gestão do desembargador Getúlio Vargas de Moraes Oliveira como Presidente do TJDF foi no biênio 2014-2016. No dia 22/4/2016, o desembargador Mario Machado Vieira Netto tomou posse como Presidente do TJDF para o biênio 2016-2018.
- 52 Desembargadora do TJDF entre 1992 e 1999, quando foi nomeada Ministra do STJ.

### Desembargador Natanael Caetano Fernandes

Ele esteve na Cível.

### Desembargador José Divino de Oliveira

E eu fui substituir, salvo engano, o desembargador Hermenegildo<sup>53</sup>. A primeira convocação minha, salvo engano, porque o desembargador Hermenegildo parece que era de lá também, não era? Salvo engano, foi isso.

### Desembargador Natanael Caetano Fernandes

Ele era da Turma Cível.

### Desembargador José Divino de Oliveira

Eu ficava na 2ª e depois ficava na 1ª (Turma). A 1ª (Turma) aquela doçura de pessoa, que era (o desembargador) Eduardo Moraes Oliveira<sup>54</sup>, (desembargadora) Adeliith<sup>55</sup> também parece que estava lá... não, não, Adeliith, depois, parece que foi para a 2ª (Turma), porque ela saiu de uma Turma e depois foi para a 2ª e, depois, alguém saiu de lá. Depois, eu soube também, que o desembargador Romão também andou passando por lá. Então, eu trabalhei com eles esse tempo todo.

### Desembargadora Carmelita Brasil

Desembargador José Divino, caminhando para o final...

- 
- 53 Hermenegildo Fernandes Gonçalves, desembargador do TJDF entre 1988 e 2006, ano de sua aposentadoria.
- 54 Eduardo Alberto de Moraes Oliveira, desembargador do TJDF entre 1994 e 2007, ano de sua aposentadoria.
- 55 Adeliith Castro de Carvalho Lopes, desembargadora do TJDF entre 1997 e 2004, ano de sua aposentadoria.

### **Desembargador José Divino de Oliveira**

É uma pena. Passa rápido.

### **Desembargadora Carmelita Brasil**

Pois é, é uma hora. Está vencendo, passa rápido. Ao chegar ao Tribunal, seja como juiz convocado ou como desembargador, a visão da Justiça e a forma de analisar os julgamentos mudou alguma coisa?

### **Desembargador José Divino de Oliveira**

Desembargadora (Carmelita Brasil) é totalmente diferente. Olha, quando eu comecei a trabalhar como desembargador (era) diferente, não é como... Porque a gente tem que ter humildade e a gente aprende também muito com os pares, por exemplo, às vezes eu levava um processo assim que era mais complexo e ficava estudando, pegando a jurisprudência, indo na doutrina, fazia um voto bem... modéstia à parte, bem... não estou dizendo que era prestimoso não, mas era bem estruturado, e eu achava que fosse abafar, (e) ficava vencido. (Risos) Mas ficava vencido e, veja bem, e convencido que eu havia errado.

### **Desembargadora Carmelita Brasil e Desembargador Natanael Caetano Fernandes**

Isso que é o mais importante.

### **Desembargador José Divino de Oliveira**

Então, o colegiado é um aprendizado toda hora. Toda hora a gente aprende com o colegiado.

### **Desembargador Natanael Caetano Fernandes**

O colegiado é muito bom. Eu me lembro quando o (desembargador) Smaniotto foi convocado, e ele estava vendo uns julgamentos, e ele impressionado, e falou assim: "Gente, mas isso aqui é uma faculdade!" (Risos) Isso foi

muito engraçado, porque ele era professor, não é? "Uma faculdade!"

### **Desembargador José Divino de Oliveira**

Desembargadores, Vossas Excelências me permitem eu regredir um pouquinho de quando eu era juiz criminal?

### **Desembargadora Carmelita Brasil**

Perfeitamente.

### **Desembargador José Divino de Oliveira**

Eu comecei a minha carreira como defensor, depois fui promotor, depois, juiz, não é? Desembargador é consequência depois pelo tempo. Então, quando eu fui defensor público, teve um cidadão, que, por sinal, ele era conhecido, era notório, porque ele chamava-se Duque<sup>56</sup>. Ele teve envolvimento com aquele caso da Ana Lídia<sup>57</sup>. Eu não me lembro do nome completo, só me lembro de Duque. E eu como defensor público, teve uma época em que fui designado, eu trabalhava em Varas Criminais e eu fui defensor na Vara de Entorpecentes também, onde o titular era o desembargador Romão, digo o desembargador... que se aposentou novo, o... Nossa, me faltou a memória, se eu ver a fotografia dele, vou me lembrar... Nossa, gente, como fui me esquecer

---

56 Raimundo Lacerda Duque (réu no caso Ana Lídia, criança que foi seqüestrada e assassinada em 1973 no DF).

57 Controverso caso de sequestro e assassinato de uma criança de sete anos, Ana Lídia, ocorrido em setembro de 1973, em Brasília/DF. O crime comoveu a população da Capital Federal. O resumo do processo está disponível na página Centro de Memória Digital do TJDF, no endereço: <<http://www.tjdft.jus.br/institucional/centro-de-memoria-digital/documentos/processos-historicos>>.

do nome dele. Bom, daqui a pouco eu me lembro. E eu fui o defensor. Esse que aparece, era magrinho, não era muito alto, devia ter 1,62 metros (de altura) por aí, e franzino... eu vi o nome e falei “esse é o tal”, e o defendi no (artigo) 16, porque, naquela época, o (artigo 16) era só porte para uso. Muito bem... Passou o juiz da época deu-lhe uma pena, substituiu por, era detenção, seis meses e deu, salvo engano, ele não merecia a conversão ou não havia a conversão, deu-lhe um sursis, mas com as condições bem pesadas para ele. Tudo bem, mas eu não recorri disso não. Em um belo dia, eu sou promotor, e estava lá também como promotor na (Vara de) Entorpecentes. Chegou lá um cidadão algemado. Ele olhou para mim assim e disse: “Conheço a sua Excelência”. Eu olhei o nome dele assim: “É, o senhor é incorrigível mesmo, não é, cidadão? O senhor se lembra que eu já fui seu defensor?” “É, por isso que eu conheço Vossa Excelência”, estava falando comigo. Não dei bola para ele, e estava sustentando a acusação... Foi condenado. Eu (como) juiz, Léia Esteves,<sup>58</sup> adoece – fiquei uns seis meses na Vara de Entorpecentes. Eis que um dia aparece lá, que estava no presídio, e lá fumando maconha e chega lá de novo, eu como juiz para interrogar, eu olho assim (o nome). Olhei para ele e falei assim: “O senhor aqui de novo? O senhor é realmente incorrigível”. Também não falei mais nada, fechei a cara e comeci a interrogar ele. Então, esse episódio que eu me lembro também.

58 Então juíza do TJDF. Ocupou o cargo de desembargadora do TJDF entre 1997 e 1998.

### **Desembargadora Carmelita Brasil**

É inesquecível.

### **Desembargador Natanael Caetano Fernandes**

Três atuações diferentes.

### **Desembargador José Divino de Oliveira**

Porque de três, daí alguém perguntou assim para mim: “Você não se deu para o suspeito?” Eu falei: “Ué, mas porque que eu vou dar para o suspeito?” Eu sou magistrado já há... Fui defensor dele há quinze anos, qual o problema que tem, não fui advogado particular dele, eu fui o múnus público, não é?

### **Desembargadora Carmelita Brasil**

Venceu o nosso tempo...

### **Desembargador Natanael Caetano Fernandes**

Venceu? Desembargador José Divino o nosso tempo venceu. Eu queria a sua participação neste programa, de preservação da memória do Tribunal, porque estamos vendo que a sua história enriquece o Tribunal por tudo o que aconteceu e que ainda acontece, porque Vossa Excelência ainda é um desembargador brilhante, um dos mais brilhantes do nosso Tribunal, sem nenhuma...

### **Desembargador José Divino de Oliveira**

Bondade de Vossa Excelência.

### **Desembargador Natanael Caetano Fernandes**

É verdade. Então, acho que essa história que Vossa Excelência contou, a sua história, faz parte do Tribunal, faz parte da memória do Tribunal, e nós

somos muito gratos, pelo fato de o senhor ter atendido o nosso convite para trazer essa ilustração para história que nós estamos querendo preservar. Eu agradeço muito e deixo Vossa Excelência à vontade para as últimas palavras, se quiser se manifestar.

### **Desembargador José Divino de Oliveira**

Eu me sinto plenamente gratificado por ter sido honrado com esse convite para participar da memória do nosso querido Tribunal. Agradeço e teço os meus encômios à desembargadora, 1º Vice-Presidente do Tribunal, Carmelita Indiano Brasil<sup>59</sup>, pela feliz iniciativa de enriquecer a história do nosso Tribunal. E quero também reiterar a honra de tê-los como meus colegas, e com Vossas Excelências, desembargador Natanael e desembargadora Carmelita, aprendi muito. E agradeço, de coração, a oportunidade que me foi propiciada por estar aqui. Fico muito honrado.

### **Desembargadora Carmelita Brasil e Desembargador Natanael Caetano Fernandes**

Nós é que agradecemos, desembargador. Muito obrigado.

◀*fim*▶

---

59 1º Vice-Presidente do TJDF, no biênio 2014-2016. Desembargadora do TJDF desde 2002.

**DATA DA ENTREVISTA**

22/01/2016

**LOCAL**

Brasília-DF

**ENTREVISTADO**

Desembargador José Divino de Oliveira

**ENTREVISTADORES**

Desembargadora Carmelita Brasil

Desembargador Natanael Caetano Fernandes

**TRANSCRIÇÃO**

Iêda Oliveira de Araújo Alves – SERAMI

**REVISÃO**

Virgínia Reis da Costa – SERAMI

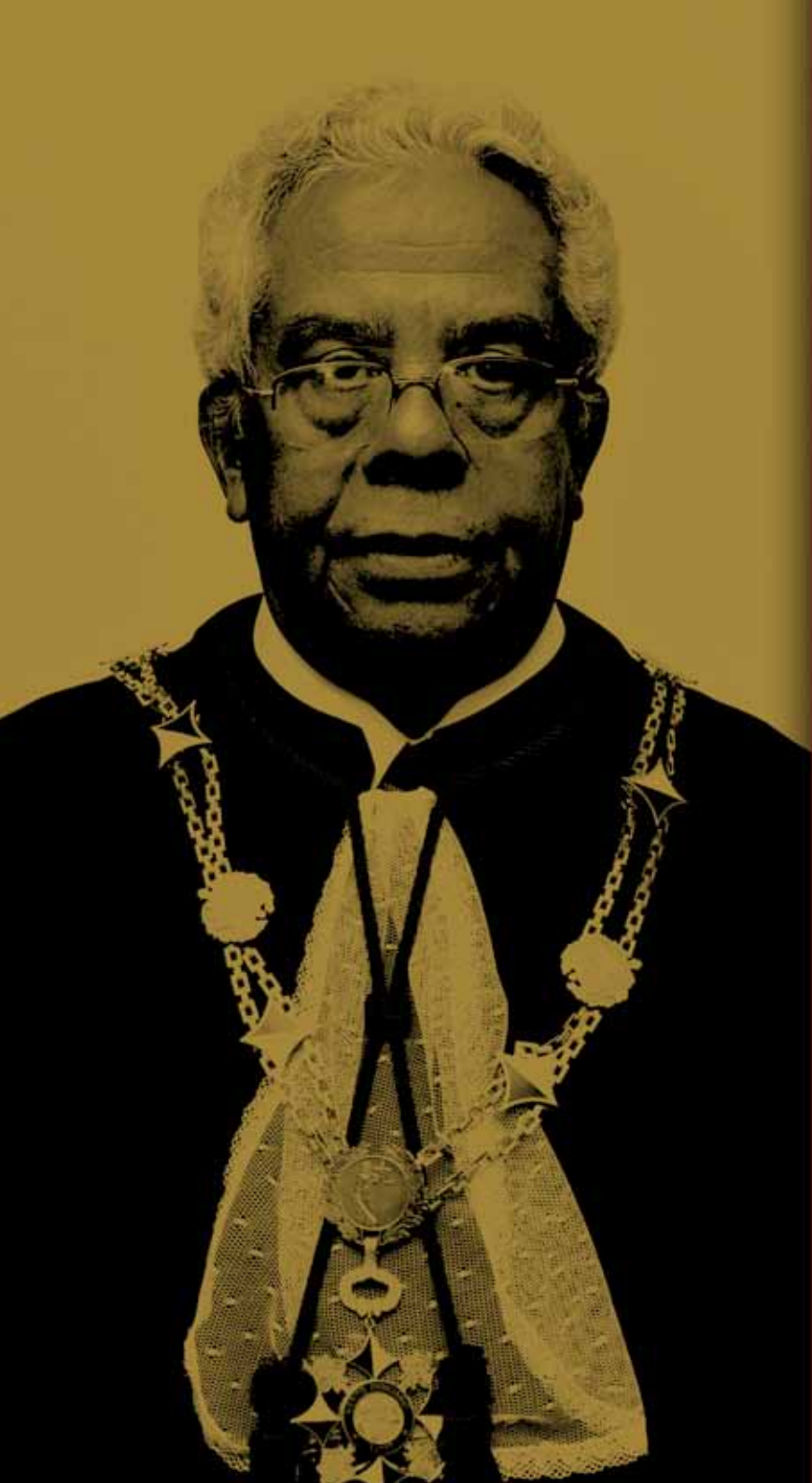
**PROJETO GRÁFICO**

Diego Vilani Morosino – ACS

**DIAGRAMAÇÃO**

Roberta Bontempo Lima – ACS





PROGRAMA  
**HISTÓRIA  
ORAL**

---

DESEMBARGADOR  
JOSÉ DIVINO DE OLIVEIRA

**SERAMI**

Serviço de Apoio à  
Memória Institucional

**SEGD**

Secretaria de Gestão  
Documental

**PVP**

Primeira  
Vice-Presidência

TRIBUNAL DE JUSTIÇA  
DO DISTRITO FEDERAL  
E DOS TERRITÓRIOS

**TJDFT**